

As providências tendentes à concretização desse objetivo tiveram início em fins de 1960, com a realização de entendimentos com o Poder Executivo, dos quais resultou a destinação, para o fim em vista, de terreno de magnífica localização, no Parque Ibirapuera, e com a designação de uma Comissão Executiva, composta de deputados e altos funcionários, para supervisionar os trabalhos preliminares referentes à construção do novo prédio.

Já em fevereiro de 1961, deu-se início à realização de um concurso público de arquitetura, de amplitude nacional em moldes preconizados pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, com o fim de escolher o ante-projeto do novo edifício, verificando-se inscrição de numerosos trabalhos de profissionais de vários Estados. No julgamento, a cargo de arquitetos de renome, indicados pelo Departamento de São Paulo do referido Instituto, foi vencedor o ante-projeto de equipe encabeçada pelo jovem arquiteto Adolpho Rubio Morales, que se destacou por suas linhas modernas e imponentes, de espontânea majestade, e por suas características funcionais.

Em setembro de 1961 celebrou-se, entre a Assembléa e a arquitetura vencedor do concurso, contrato para a elaboração e desenvolvimento do projeto em todos os seus promeiros, contrato esse no valor de Cr\$ 25.000.000,00, com base na tabela de honorários do Departamento de São Paulo do I. A. B., e na sua maior parte já executado, com o pagamento da importância de Cr\$ 18.000.000,00.

Em novembro do mesmo ano, foi aberta concorrência pública para as obras de terraplenagem e construção de galerias de águas pluviais necessárias à preparação do terreno, sendo vencedora a firma Pavimentadora Financial S. A., com a qual foi celebrado contrato no valor de Cr\$ 31.421.112,00. Verificou-se, em seguida, necessidade de ser removida camada de turfa existente no local, tendo sido esse serviço executado pelo Departamento de Estradas de Rodagem, mediante convênio celebrado em março de 1962 e posteriormente aditado, no valor total de Cr\$ 18.000.000,00, dos quais já foram pagos cerca de Cr\$ 16.000.000,00.

Com a superveniência de dificuldades, que tiveram de ser enfrentadas, decorrentes de alteração das condições do terreno e elevação do lençol freático, verificou-se aumento das quantidades previstas dos serviços de terraplenagem e de galerias de águas pluviais, elevando-se, mediante aditamento contratual, ao montante de Cr\$ 70.000.000,00 o custo estimado desses serviços, arcaando-se o de terraplenagem já quase concluído e o de galerias em adiantada fase de construção, com término de ambos previsto para o mês de maio do corrente ano, importando em perto de Cr\$ 35.000.000,00 os respectivos pagamentos já efetuados.

Para construção do novo edifício-sede do Legislativo, em sua primeira etapa, compreensiva das fundações, estrutura de concreto armado, alvenaria e correspondentes esquadrias e instalações elétricas e hidráulicas, foi realizada, em abril de 1962, concorrência pública em que foi vencedora a firma Ribeiro, Franco S. A. — Engenharia e Construções, com a qual foi celebrado, em agosto, contrato com prazo de 18 meses, no valor de Cr\$ 875.819.927,40.

As obras contratuais, de construção do prédio, tiveram o seu início retardado pela necessidade que houve de previsão de uma laje de subpressão na parte inferior do edifício, e de consseqüentes modificações do projeto, para reforço da estrutura e das fundações.

Vencidas essas dificuldades, naturais em empreendimento de tamanho vulto, acham-se as obras, atualmente, em franco andamento, com parte das fundações e da caixilharia de alumínio já executada, devendo ter início, dentro de breve prazo, a elevação da estrutura do edifício. Os pagamentos já feitos, de prestações contratuais correspondentes aos serviços executados, são de ordem de Cr\$ 144.000.000,00, com os quais a despesa realizada, atinente à nova sede, perfaz o total de pouco mais de Cr\$ 200.000.000,00.

Em janeiro deste ano foi aberta, para fornecimento e instalação dos elevadores previstos no projeto da nova sede, concorrência pública que, entretanto, deverá ser renovada, pela ocorrência de razões que determinaram a sua anulação, nos interesses da Assembléa Legislativa.

Os trabalhos desta Assembléa, relativos à nova sede, vêm sendo realizados com a assistência técnica de uma Assessoria das Obras, composta de arquitetos e engenheiros, para esse fim designada.

Acha-se em andamento o estudo dos elementos necessários à abertura, em tempo oportuno, das demais concorrências a serem realizadas para a construção da segunda etapa do edifício, relativa a seu acabamento e às instalações especiais.

A etapa já percorrida autoriza a esperar que, salvo ocorrência de imprevistos, possa o Legislativo do Estado transferir-se para as novas instalações em 1965.

Deve-se salientar que o desdobramento dos estudos dos arquitetos para a elaboração do projeto final teve como ponto de partida um minucioso relatório sobre as necessidades da Assembléa, ouvindo-se, para isso, na ocasião, os chefes de serviço da Secretaria, e se recebendo, concomitantemente valiosa colaboração, com tal objetivo, de funcionários e, notadamente, de deputados.

Também é conveniente se acentue ter a Presidência agido, nas intervenções relacionadas com o desenvolvimento do programa de construção do novo edifício da Assembléa, inteiramente de acordo com a Comissão de Obras, composta, como é do conhecimento geral, de deputados e funcionários. Dela sempre recebeu a Presidência a assistência e o aconselhamento necessário e útil.

Deseja ainda esta Presidência, em nome da Mesa da Assembléa, apresentar seus agradecimentos aos funcionários desta Casa pela leal cooperação que trouxeram, como, também, agradecer aos senhores deputados a atenção e a deferência que sempre encontrou por parte do nobre Plenário.

—o—  
Ao lado da parte prática que abordamos, a Assembléa Legislativa cumpriu, ainda e mais uma vez, sua grande missão constitucional de sustentáculo do regime e das instituições.

Temos sempre afirmado, e não nos cansamos de repetir, que o Poder Legislativo resume em si a própria razão de ser da democracia, eis que é a primeira voz a ser calada quando ela é atingida e destruída.

Aqui no Palácio "9 de Julho", sem distinção de legendas, todos se uniram na mesma trincheira, abraçaram a mesma causa, travaram a mesma luta nobre em defesa da liberdade, sem a qual a vida não vale a pena ser vivida.

Houve erros, é claro. Registraram-se falhas, não negamos. Mas erros e falhas são próprias da contingência humana e temos a consciência tranquila de haver tentado sempre acertar, envidando os maiores esforços para que dos erros de hoje pudessem surgir os acertos de amanhã.

Se errar é humano, persistir no erro é diabólico, diz o refrão. Erramos algumas vezes, mas nunca persistimos no erro.

Ao cabo de 12 anos de vida parlamentar, transcorrida toda ela nesta Augusta Assembléa e não detendo, agora, nenhuma representação popular, voltamos os olhos para traz com a tranquilidade de quem nunca perdeu a autenticidade de suas mais profundas convicções e encaramos o futuro com confiança e destemor.

Há perigos rondando a Pátria. Há os interessados de sempre na confusão, na desordem e na desagregação.

Mas há, também — e graças a Deus — por parte da grande maioria do povo brasileiro e de seus verdadeiros líderes, a coragem dos que sabem que defendem a boa causa, a determinação dos justos, a serenidade dos que sabem para onde querem ir.

No entrelhecho das tendências e dos interesses políticos que vivem, durante 12 anos, neste Plenário, aprendemos a amar mais ainda a Democracia, único regime em que o diálogo é possível e em que, mesmo em campos opostos, os homens de bem podem se entender e, unindo suas naturais deficiências humanas, construir, impessoalmente, um mundo melhor para os que hão de vir.

No desempenho das altas funções de Chefe do Poder Legislativo a que, por três vezes, nos conduziu a confiança de nossos ilustres pares, procuramos sempre respeitar as opiniões de todos. Oposição e situação tiveram sempre igual tratamento, eis que representam, uma e outra, as duas colunas mestras do regime.

Uma, realizando e defendendo as suas realizações. Outra, fiscalizando, apontando eventuais falhas e propondo soluções.

Estamos certos de que esta Presidência jamais procurou calar qualquer voz neste Parlamento.

Transigiu algumas vezes, exatamente para ser mais compreensiva. Preferiu pecar por excesso de liberalidade a ficar na posição de férrea autoridade.

Procuramos sempre representar a média das opiniões desta Casa, nos transformando em executor da vontade desta Assembléa, que representa a vontade de São Paulo.

Nossa democracia não é perfeita. Muito ainda devemos caminhar para que possam ser encontradas soluções para tantos e tão aflitivos problemas que nos asseoberbam.

Mas, somente pela pertinácia, pela fé, pela indestrutível convicção no regime e nas instituições, essas falhas serão superadas, as arestas aplainadas para, a final, surgir em todo o seu resplendor uma democracia autêntica e real, de verdadeira justiça social, de iguais oportunidades para todos e em que o poder econômico desapareça como força opressora e os homens possam ser mais

felizes, não renegando nossas tradições cristãs, mas encontrando, todos, a segurança e a tranquilidade de uma vida melhor.

Ao encerramos esta fase de nossa vida pública, com a certeza do dever cumprido, com a satisfação de não havermos desmentido nossa formação ideológica, forjada nas lutas em pró da redemocratização do Brasil, nossa palavra não é de ceticismo nem de desesperança.

Ao contrário, representa ela uma reafirmação de fé inabalável. Cremos na concórdia que se sobrepõe aos desentendimentos. Cremos nas soluções pacíficas para todos os nossos problemas. Cremos na evolução, porque negamos a revolução cruenta. Cremos na capacidade humana de construir e de não destruir. Cremos na igualdade de todos, dentro das desigualdades inelutáveis. Cremos no amor que sempre vence o ódio. Cremos na Democracia como único regime compatível com a dignidade do homem.

Cremos em São Paulo e cremos no Brasil!  
Está suspensa a sessão.  
— E suspensa a sessão.

— Quinze minutos depois, é reaberta a sessão.  
O SR. MENDONÇA FALCÃO (Para reclamação) — Sem revisão do orador — Sr. Presidente, desejo solicitar a V. Exa. que, ao pé desta sessão, sejam transcritos todos os discursos pronunciados no Salão 23 de Maio.

Faço esse pedido com emoção, Sr. Presidente, mesmo porque esta é a sessão de encerramento da presente legislatura, na qual podemos dizer "até breve", "até logo" e, se Deus nos permitir, "até o próximo encontro".

A sessão solene realizada no Salão 23 de Maio trouxe-nos à lembrança aquilo que tanto nos preocupou no passado — a Jefesa da Democracia. Quantos para esta Casa virão que desconhecem o que custou a milhares de criaturas a abertura das portas deste parlamento! A vida é assim mesmo, Sr. Presidente: Muitos, por circunstâncias da própria Democracia, conseguem a confiança do povo, e são guindados a representá-lo nesta Casa.

Sr. Presidente, desejamos que perdure em nossa memória, em nosso pensamento, a sessão solene realizada no Salão 23 de Maio, 23 de maio que constituiu uma data histórica deste Estado, deste povo e desta Nação, em cujo instante heróis lutaram e sofreram para que a Nação sobrevivesse ao caos da ditadura, a fim de adentrar no regime democrático.

Pedimos a V. Exa., Sr. Presidente — que não estará mais aqui, amanhã, presidindo os nossos trabalhos — que receba as nossas palavras, apesar de não estarem em português perfeito, mas que refletem todo o sentimento e a alma com que são ditas, nas quais desejamos traduzir a V. Exa. e à sua família os nossos agradecimentos. Que, amanhã, ao término da sessão de eleição da nova Mesa, eu possa ir à sua casa, como tenho feito nestes doze anos de contacto com V. Exa.

Amanhã V. Exa. não estará mais aqui, Sr. Presidente. Assim é a democracia: uns ficam, outros vão, mas a sua passagem, através de seus discursos, ficará registrada nos anais desta Casa, como testemunho do desejo ardente de defender a Democracia, a liberdade do povo de nossa terra. Nós continuaremos, aqui, a lutar pela Democracia, para que, concordando ou discordando, possamos atingir a meta desejada.

Que Deus, que preside esta Casa, e cuja imagem se encontra às costas de V. Exa., continue a proteger o Brasil e a democracia brasileira e que de saúde V. Exa., para que possa, fora da trincheira do parlamento, continuar a defendê-la.

No instante em que nos despedimos, quero dirigir minha saudação a V. Exa., Sr. Presidente, e à sua digníssima família. Faço-a como se a estivesse dirigindo aos meus filhos, à minha família, numa homenagem à honradez com que V. Exa. presidiu os trabalhos desta Casa.

V. Exa. traz o nome de um dos grandes vultos da história democrática desta terra, que um dia partiu, mas deixou seu irmão para continuá-la, pois presidiu o parlamento paulista com orgulho e honradez. (Muito bem! Palmas.)  
Nota da Taquigrafia — (Os discursos a que se refere o deputado Mendonça Falcão serão publicados oportunamente).

O SR. FARABULINI JÚNIOR — Sr. Presidente, peço a palavra.  
O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre deputado Farabulini Júnior.

O SR. FARABULINI JÚNIOR — Sem revisão do orador — Sr. Presidente, as homenagens prestadas a V. Exa. no saguão desta Casa demonstraram bem o carinho com que os servidores da Assembléa Legislativa, do mais alto ao mais humilde, acompanharam a luta de V. Exa. até o presente momento, em que se encerra mais uma sessão legislativa, a terceira em que V. Exa. ocupou a Presidência dos trabalhos do parlamento paulista. No que foram acompanhados pelo entusiasmo dos guardas-civis, policiais da Casa e pares de V. Exa., que, numa demonstração conjunta, fizeram sentir a V. Exa. todo o seu apreço.

E ao sabor do cântico da juventude, ao sabor do cântico da juventude idealista do Largo de São Francisco, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, de onde vieram V. Exa. e inúmeros deputados desta Casa. Os cânticos da juventude ressaltaram, em verdade figuras as mais poéticas. E não era apenas um conjunto coral que aqui se apresentava. Era a própria Faculdade de Direito, coisa de todos os postulados da liberdade; era a própria Faculdade de Direito, que pelos seus integrantes do coral, traziam à Assembléa a virilidade dos moços e dos jovens, que muitas vezes pode faltar a esta Casa. Nós outros, já no oitavo ano de mandato popular, tendo a enfrentar um novo mandato que o povo nos outorgou, percebemos, numa auto-crítica que fazemos desta tribuna parlamentar, que já temos feito muitas concessões e que por causa disso muitas vezes estamos impedidos inclusive de utilizar a tribuna livre para dizer, bem alto, o nosso pensamento e as nossas idéias.

E V. Exa. tem enfrentado, nesta Assembléa Legislativa, horas amargas, em que somente a fibra de um patriota poderia resolver a questão definitivamente. Lembro-me aqui da palavra e da presença de V. Exa. lá na Universidade Mackenzie, apoiando os estudantes na defesa das liberdades democráticas. Lembro-me, porque dos lábios de V. Exa. saiu a palavra de ordem à juventude, para que, coisa dela própria e dos seus ideais, pudesse, em verdade, cantar bem alto as glórias das liberdades democráticas, que vinham de ser ofendidas pelos beaguins que cercavam o Instituto Mackenzie, dando aos deputados da Assembléa, inclusive, voz de prisão.

Foi naquele período dramático da nossa história que a Assembléa se instituiu em verdadeira trincheira das liberdades democráticas.

O proletariado de São Paulo teve, nesta Assembléa, as portas abertas. Eram grevistas que aqui compareciam para encontrar a última trincheira; eram os homens fracos economicamente que procuram a Assembléa e encontravam, na Presidência, a cobertura política indispensável.

Então, os deputados desta Casa que acompanharam a luta de V. Exa. e afeitos ao relatório que V. Exa. apresentou para ser publicado nos anais, dando uma satisfação ao povo de São Paulo, querem presta a V. Exa. a homenagem que na verdade se fixa num único pensamento: os trabalhos de V. Exa. não poderão faltar ao povo de São Paulo e ao povo brasileiro, como homem público que é, respeitado por todos os partidos políticos.

Em nome de uma bancada que se instalará amanhã, o MTR, que conta com 11 deputados, tenho a honra de dizer a V. Exa., deputado Abreu Sodré, que seremos, da tribuna da Assembléa, arautos de V. Exa., pois embora V. Exa. aqui não se encontre terá o microfone à sua disposição, na palavra do deputado que lhe fala, e na palavra dos 10 outros deputados da nossa bancada.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre deputado Carlos Kherlakian.

O SR. CARLOS KHERLAJIAN (Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, participamos de todas as solenidades com que esta Casa houve por bem homenagear V. Exa. No Salão 23 de Maio, no Gabinete da Presidência e em todos os instantes dessas solenidades, tivemos o nosso pensamento voltado para alguns anos atrás, quando esta Casa, uma trincheira avançada sob a orientação de V. Exa., levava aos 4 cantos do nosso Estado e do País a sua palavra, a sua fé cívica na preservação das instituições democráticas. Nestes instantes, verificávamos então o entusiasmo cívico de V. Exa., que dava a nós, deputados que aqui permanecemos durante horas, atravessando a madrugada, a coragem necessária para também levantarmos as nossas vozes, fazendo coro com aquilo que V. Exa. então preconizava na defesa das instituições democráticas.

E hoje, meu caro amigo Abreu Sodré, ao findar da quarta legislatura, quando participamos destas homenagens a V. Exa., sentimos-nos à vontade, sentimos-nos satisfeitos, com o coração alegre, por verificarmos então que tudo aquilo que fizemos no sentido de render, de tributar tais homenagens, de reverenciar a sua pessoa, incluiu na história de nosso País, na história de nosso Estado, um nome que realmente dignificou e honrou as tradições políticas do Estado de São Paulo. Assim, nós não tivemos também, dúvida em acompanhá-lo quando do lançamento de sua candidatura ao Senado da República. Saímos às ruas de São Paulo, procurando fazer sentir ao povo a sua personalidade, o seu caráter, e o amor que V. Exa. tem devotado à causa pública. Assim, Sr. Presidente, fomos companheiros de luta de V. Exa. e hoje, ao final desta quarta legislatura, quando V. Exa. se despede, não só como deputado, mas como Presidente eleito por três vezes consecutivas, nós temos a certeza de que iremos